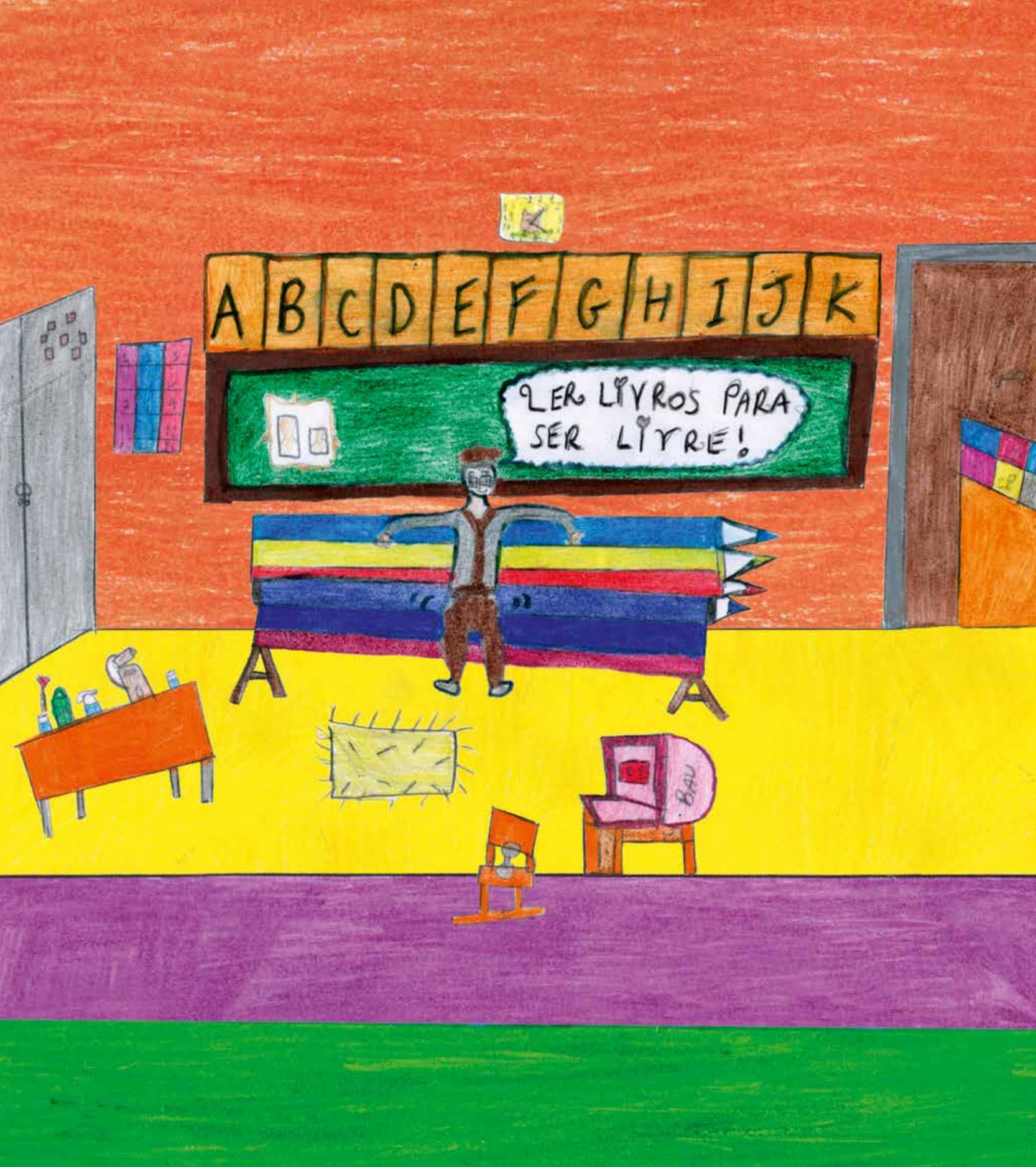


SAO JOSÉ DO RIO PARDO

UMA CIDADE DE HISTÓRIAS







APRESENTAÇÃO

Entrevistar para conhecer, para reconhecer, para compreender que histórias de vida compõem um universo muito maior do que a trajetória pessoal do entrevistado.

Foi nessa perspectiva que, incentivados por 12 professores, 255 alunos de 4 escolas municipais de educação básica realizaram o projeto “Todo Lugar Tem uma História pra Contar”.

Conhecer a cidade de São José do Rio Pardo, entrevistando moradores para conhecer suas histórias de vida, possibilitou a aproximação e o acolhimento da comunidade local.

Mas não foi tão simples quanto pode parecer!

Leituras, desenhos, reflexões sobre os conceitos, princípios e diretrizes que envolvem a metodologia de entrevista de história de vida, a escolha do entrevistado, a elaboração de roteiro, o que programar antes, como se comportar durante e o que fazer após a entrevista foram alguns dos aspectos trabalhados com professores e alunos.

E o resultado?

O livro *São José do Rio Pardo – Uma Cidade de Histórias*.

Sua produção é resultante das múltiplas possibilidades de produções escritas e gráficas realizadas pelos alunos: elaboração de textos coletivamente produzidos e editados; desenhos que apresentam recortes dos episódios relatados ou as cenas do momento em que a entrevista era realizada. Há de se considerar ainda as aprendizagens pessoais e coletivas, além das marcas que possam ter sido deixadas por essa experiência de contar e ouvir histórias.

Esperamos que todo esse processo possa estar representado e seja sentido por você, leitor, nas entrelinhas das histórias de quem as contou, as ouviu e as registrou.

Esta ação faz parte do Projeto Plano Anual de Atividades do Museu da Pessoa de 2018 (Pronac - 17.7422) realizado pelo Ministério da Cultura, através do Programa Nacional de Apoio à Cultura (Pronac), pelo Instituto Museu da Pessoa, com patrocínio da AES Tietê.

Boa leitura!

Museu da Pessoa



CARO LEITOR,

A valorização da história de uma comunidade pelo resgate e registro das tradições orais, envolvendo antigos moradores, crianças e profissionais da educação pública, é uma forma de promover o acesso à cultura e assim contribuir para a formação plena de cidadãos.

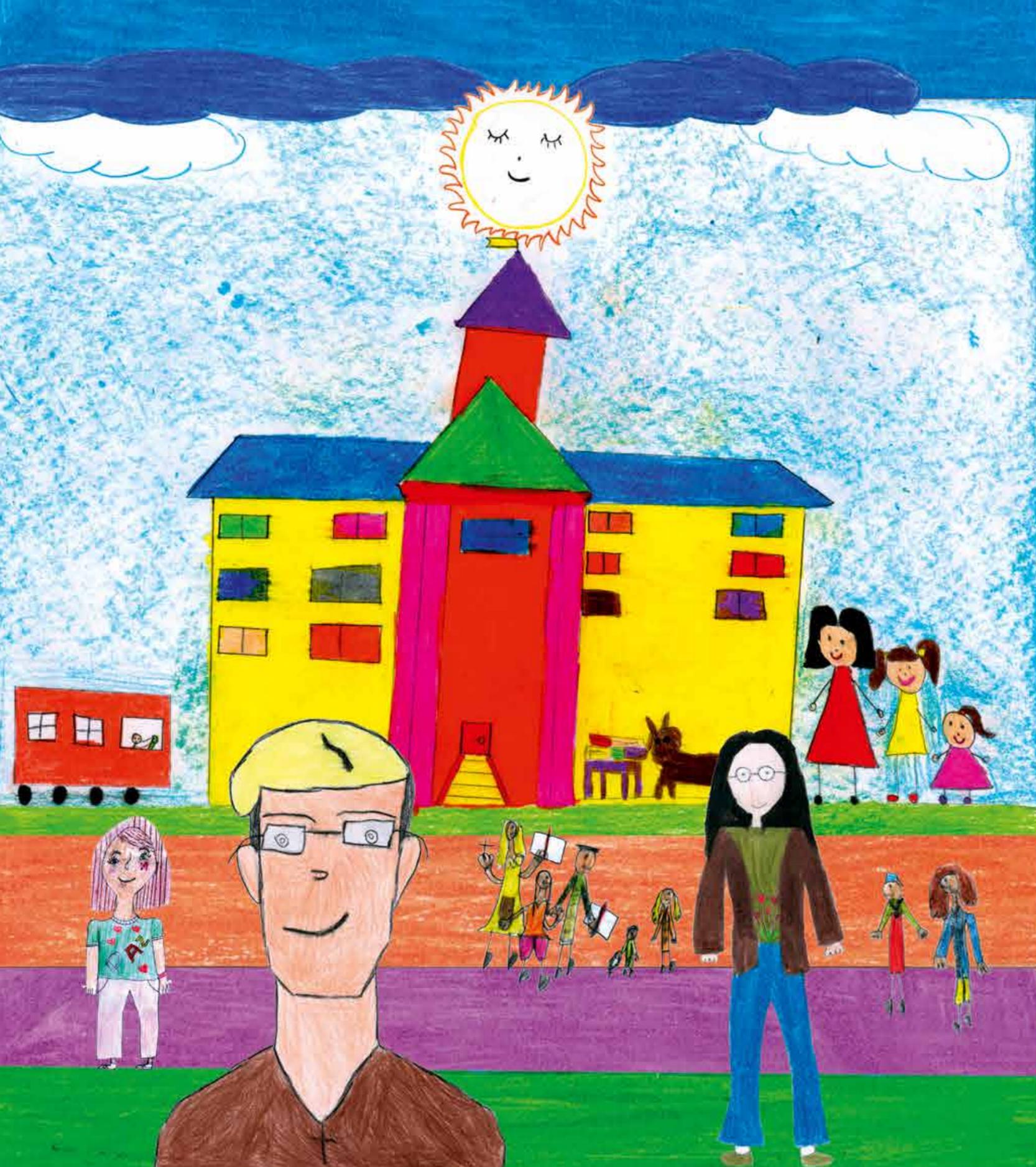
A AES Tietê, ao apoiar o projeto “Todo Lugar Tem uma História para Contar”, acredita que essa iniciativa impulsiona na comunidade o orgulho de pertencer a esse município, o que potencializa transformações positivas na qualidade de vida de seus habitantes.

Em parceria com o Museu da Pessoa, agradecemos a todos os envolvidos no projeto que se dedicaram às formações, entrevistas, desenhos, fotos e textos de forma que esta publicação se tornasse um registro fiel a São José do Rio Pardo.

Convidamos você a conhecer e a compartilhar essas histórias, que desta forma serão eternizadas.

Boa leitura!

AES Tietê



ESPIRITUALIDADE

Há quem diga que espiritualidade é conectar-se com algo maior do que a si mesmo, que envolve também a procura por um sentido na vida, que pode ser uma busca particular, seja com um Deus, deuses, experiências transcendentes, a força da natureza, o eu interno e tantos outros conceitos e impressões.

Nas próximas histórias, independente do conceito, é possível perceber, dentre outras coisas, a força que ela exerce na vida e nos caminhos que percorreram essas pessoas entrevistadas.



Dupla fé

Sr. Benedito de Oliveira, comerciante, trabalhador desde a infância, pai de três filhos homens e viúvo, é um senhor que, apesar de acontecimentos trágicos em sua vida, de suas experiências quando criança com o juizado de menores, da falta de oportunidades e possibilidades de estudos, nunca se amedrontou ou desistiu diante dos percalços que a vida lhe apresentou, conseguindo vencer e ter uma vida digna.

Nascido em um distrito de Mococa, passou por poucas e boas, inclusive, perdendo o pai de forma trágica. Ficou à mercê do “juizado de menores”. Não tinha brinquedos. Precisava ajudar em casa. O estudo era difícil pela distância e pelos problemas financeiros.

Com 18 anos, Sr. Dito, como é carinhosamente chamado, ganhou uma casa e um pequeno comércio para iniciar sua vida. É um homem de fé, de fé dupla, se colocando como católico e espírita. Faz festa de Cosme e Damião para as crianças do bairro e benzimentos também.

Sr. Dito não tem medo de nada, só dos humanos.

Benedito de Oliveira é comerciante em São José do Rio Pardo, viúvo e tem três filhos homens.



É sagrado viver

O sítio São João da Fartura foi um cenário perfeito para a infância do Cônego João Antônio Darcie, em São José do Rio Pardo. Ali viveu momentos felizes ao lado de seus três irmãos, e intensa foi a alegria que sentiu quando lá se equilibrou pela primeira vez sobre uma bicicleta: sensação de “estar voando”!

Desde a tenra idade, o desejo de ajudar as pessoas era de tal intensidade que decidiu seguir a vida religiosa.

Aos 12 anos, apoiado por seus familiares, partiu em busca de seu sonho e seguiu para o seminário. Grande era a saudade, mas consolidou novas amizades, formando um habilidoso time de futebol.

Tempos depois, retornou para sua terra natal, cidade por ele admirada por suas belezas naturais e pelo povo acolhedor. Seu sonho se realizou: tornou-se um sacerdote amigo, que transmite fé e procura levar esperança a todos.

O amor pelas palavras e o dom de usá-las impulsionou Cônego Darcie a se tornar também escritor, acreditando no poder transformador da leitura, aconselhando todos a “ler para serem livres”!

Cônego João Antônio Darcie, rio-pardense, nascido em 9 de abril de 1948, sacerdote católico e escritor. Há 26 anos é pároco da igreja matriz de São José do Rio Pardo.



Guardar... Relembrar... Amar...

Rita é uma pessoa muito agradada. Teve a honra de nascer no quarto da sua casa com uma parteira amiga da família. Sua infância foi maravilhosa, marcada por brincadeiras de rua. Adorava fazer bonecas de papel de bala.

Conheceu desde muito pequenina o amor a Deus e religiosamente o adorava através de sua fé inabalável. Assim, aos 11 anos, iniciou como catequista, surgindo com isso a sua vocação em lecionar.

Muito dedicada e corajosa, iniciou sua profissão em sítios e fazendas, dando aulas em uma "tuia", por onde passeavam ratos, gambás, cobras e, ainda, um bode que corria atrás das professoras.

A família, parte mais importante e motivadora, se mantém unida e, ritualmente, todos os sábados, todos se reúnem para gostosas conversas e apetitosas refeições.

Desfrutou em suas viagens de paisagens com lindas cachoeiras, cidades históricas e, fora do país, como católica assídua, assistiu à missa na Basílica de São Pedro, no Vaticano, com o Papa Francisco.

Entre vivências e experiências, tem o amor como base fundamental em seus princípios, trilhando e sempre incentivando o caminho do bem a todos que por sua vida passam.

Rita de Cassia Zanetti Manzoni nasceu em São José do Rio Pardo (SP), no dia 28 de agosto de 1965. Trabalhou em todas as áreas da Educação no mesmo município. Atualmente aposentada, se dedica exclusivamente às aulas de catequese.



LoENDA

Lobisomem? Mãe de ouro? Uivos?
Sombras?

Acontecimentos misteriosos mistu-
ram-se a fatos reais no imaginário
infantil desses que contam suas his-
tórias. Nada pode ser provado, mas
que existe, existe. Será?



Mãe de ouro

Dona Cida é uma mulher idealista, determinada e muito dedicada a todos os projetos culturais que realiza e de que participa.

Foi criada na extinta Fazenda Boa Esperança, pertencente, na época de sua infância, ao município de São José do Rio Pardo. Dessa fase de sua vida, há boas memórias, assim como várias histórias e “causos” que o avô costumava contar aos seus netos. Uma dessas histórias era de uma cobra, conhecida como “Mãe de Ouro”, que o avô afirmava ter visto nos arredores da mata e ficado deslumbrado com o tamanho, a espessura e a cor, que mais parecia ouro pelo brilho de suas escamas.

Dizia o seu pai que ela era guardiã dos tesouros da terra, das montanhas e rios; que estava sempre perto do ouro e costumava aparecer à tardinha, com uma cauda luminosa. Falava que quem conseguisse tocá-la ficaria muito rico. E ela queria ficar rica...

Apesar da curiosidade de criança em avistar a tal cobra, ela nunca a viu e preferia correr desesperadamente de qualquer uma delas, tamanho o medo e pavor que sentia.

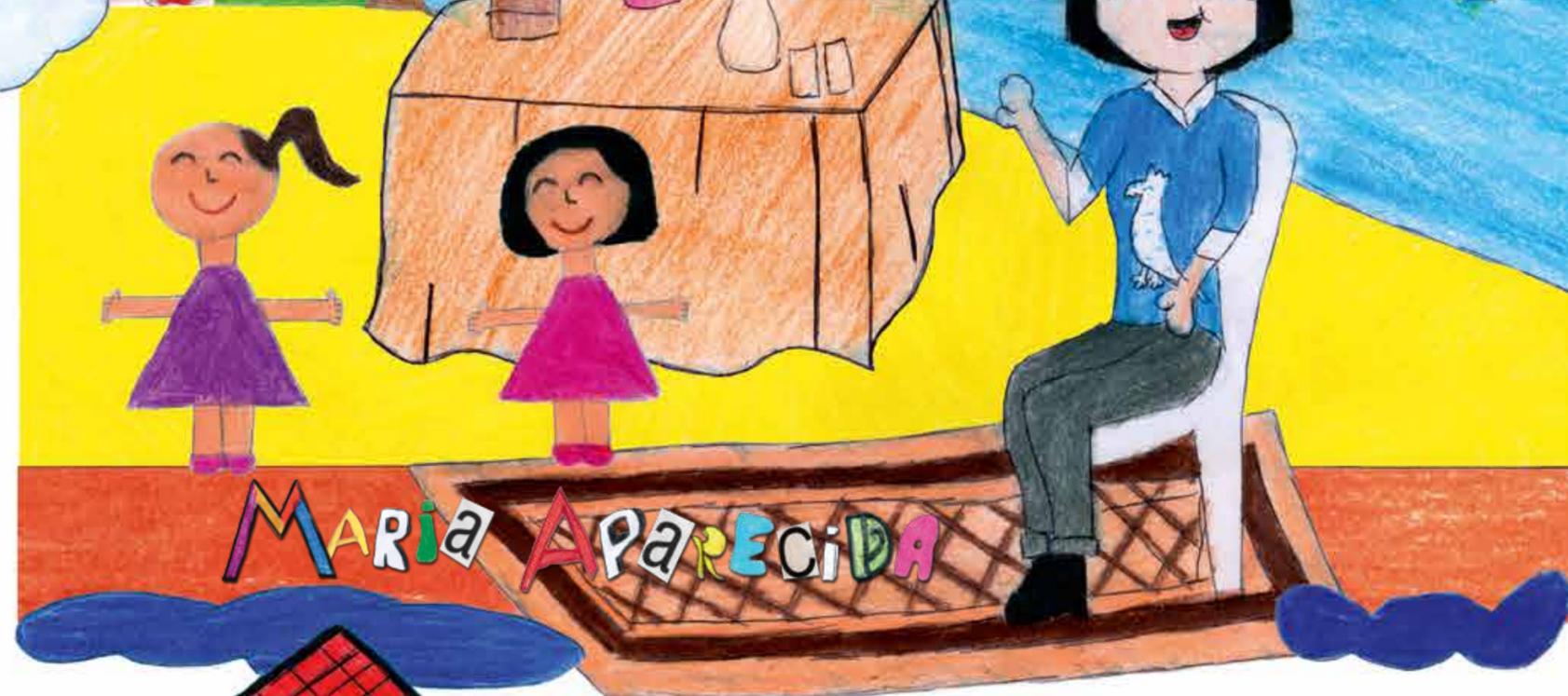
Sua infância também foi marcada por muitos joelhos e cotovelos esfolados pelas infinitas descidas nos morros gramados com auxílio de papelões. Ela relembra com saudades da época em que seu pai lia para os filhos ao cair da tarde.

Dona Cida sempre foi muito atuante nos eventos da Semana Euclidiana. Aos 12 anos aprendeu a costurar e bordar. Assim, confeccionou inúmeras fantasias para os participantes do “Desfile Euclidiano”.

Desenvolveu vários projetos educacionais em nossa cidade e hoje é conhecida como Cida do Caic.

Dona Cida entende que todas as crianças devem aproveitar ao máximo a infância, como também estudar muito, participar de todos os eventos da escola e conseguir fazer boas e “eternas” amizades.

Maria Aparecida da Silva nasceu em 4 de julho de 1957, na Fazenda Boa Esperança, pertencente a São José do Rio Pardo, mas foi registrada em São Sebastião da Gramma.





O fantasma do inhame

O Sr. João passou a infância em uma fazenda, onde adorava brincar empurrando pneus, como em uma competição de quem chegaria primeiro, uma espécie de corrida. Gostava muito de brinquedos de madeira e todas as brincadeiras eram sempre em companhia de vários colegas.

Havia uma escola próxima a sua casa, e muitos colegas vinham andando de muito longe para estudar, chegando cansados e com fome. Como naquela época não havia merenda na escola, muitos acabavam desistindo.

O Sr. João escrevia com uma caneta de pena, a qual precisava ser molhada na tinta para escrever, e isso era bastante demorado.

Na adolescência, costumava ir até o ponto de ônibus, que ficava próximo a sua casa, para encontrar seus colegas e também algumas moças da redondeza.

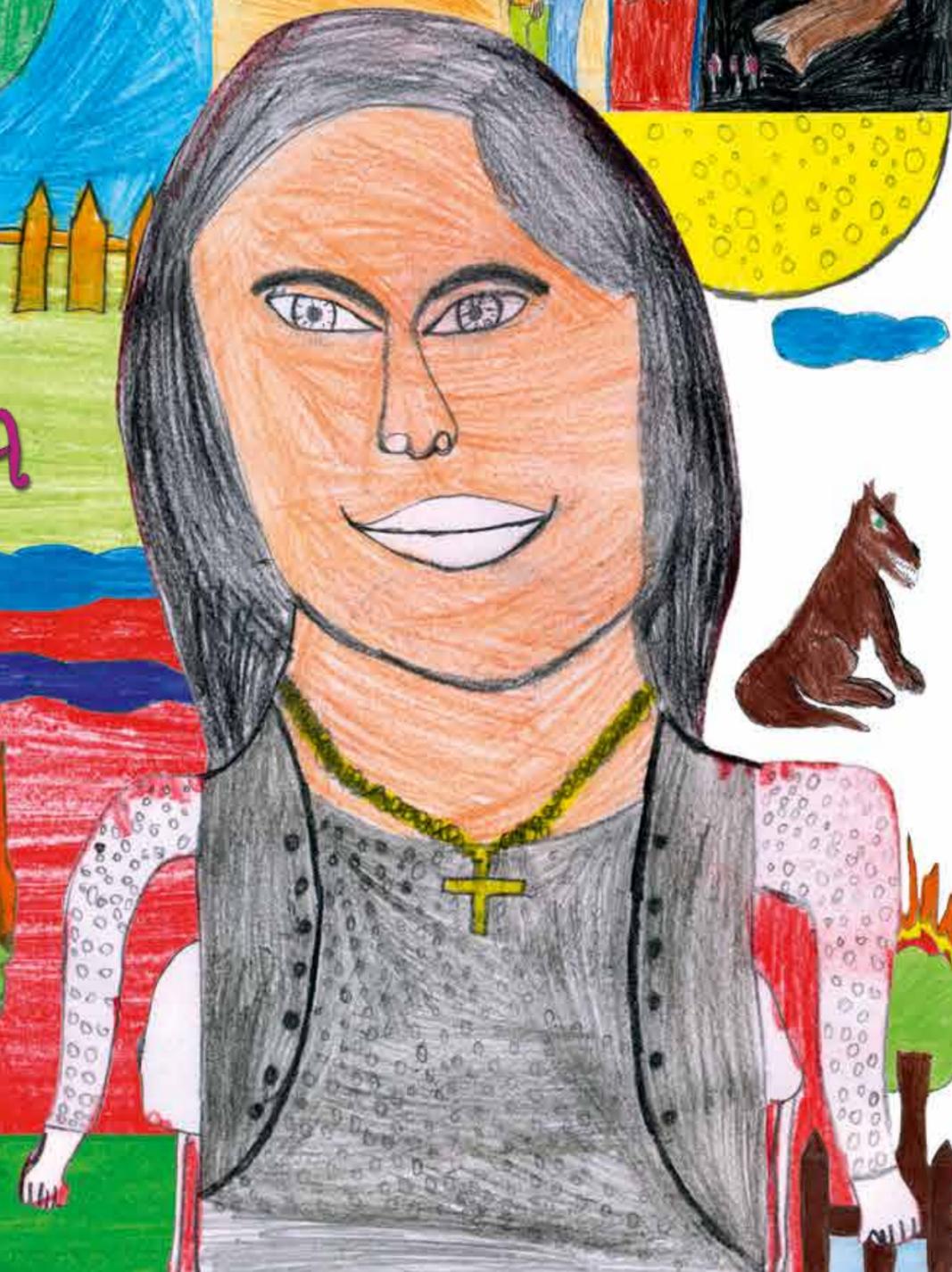
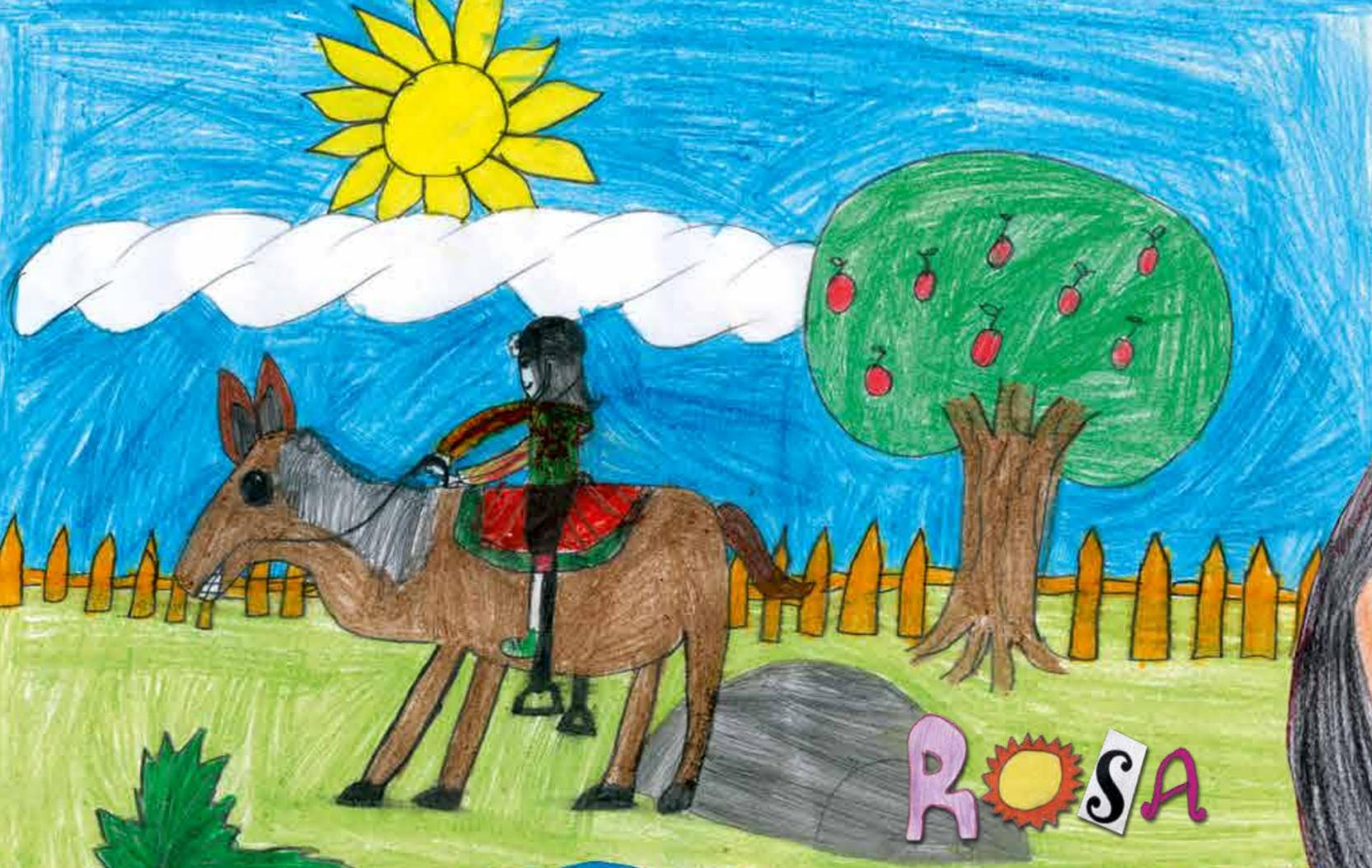
Um dia, no ponto de ônibus, aguardando alguns amigos, já na caída da noite, apareceu um amigo desesperado, correndo como um louco e bastante pálido gritando: "João, João, corra aqui!" O amigo relatava que havia uma assombração em meio aos arbustos. Foram, então, verificar. Chegando ao local constataram que a sombra vista

era apenas uma folha grande que se destacava em meio aos arbustos de inhame e, com o vento, parecia uma aparição pairando sobre a estrada. Voltando ao ponto de ônibus todos se divertiram muito com o acontecido.

Entre brincadeiras com pneus, brinquedos de madeiras e histórias de fantasmas, seu João cresceu, casou-se, teve quatro filhos e cinco netos, conheceu a profissão de pedreiro, ainda na fazenda que mora até hoje. E da profissão retirou seu sustento e o da sua família, construindo, assim, um pedaço da história da Fazenda Santa Lúcia, localizada na zona rural do município de São José do Rio Pardo.

João Batista Primini nasceu no dia 23 de junho de 1942. Hoje, com 76 anos, continua exercendo a profissão de pedreiro.





Travessuras

D. Rosa foi uma criança travessa e hoje é esposa, mãe e professora.

Menina de sítio, andava a cavalo e brincava de cozinheira. Fazia seu “fogãozinho a lenha”, colocava fogo, pegava panelas e temperos e se divertia.

Um dia, algo deu errado: o fogo se alastrou e acabou com todo o pasto. Apenas quando completou 16 anos confessou a arte.

Um acontecimento até hoje a deixa arrepiada. Era quaresma e acreditava-se que o lobisomem aparecia. Uma noite acordou com barulhos estranhos nas portas e uivos. Foi investigar, não encontrou nada, mas tem certeza de que foi visitada pelo lobisomem.

Quando estava cursando o magistério, uma inspetora vendia doces de abóbora no horário do recreio. Certo dia, Rosa deu de cara com a mesa cheia de doces e, sem ninguém por perto, surrupiou um doce. Os colegas de sala gostaram da ideia e embarcaram na travessura. Esse dia, até hoje, é conhecido como o dia do sumiço misterioso dos doces.

Rosa Maria Mapelli Boaro nasceu em São José do Rio Pardo, em 10 de fevereiro de 1959. Gosta muito de contar histórias.



ALUNOS

E PROFESSOR

Quem ensina também aprende! E quantas lições na escola e na vida!

Estudar deixa marcas, referências. Mas será que todos tiveram a possibilidade de ser aluno um dia? De seguir seu sonho de ser professor(a)?

O que revelam essas histórias?



Entre campos e sonhos

Dona Iraci passou sua infância no campo. Gostava de brincar de pedrinhas, peteca, passa anel e cantigas de roda.

Para ela chegar até a escola naquela época não era nada fácil, não havia transporte escolar e as caminhadas eram longas.

Dona Iraci frequentou até o quinto ano na Escola Tarquínio Cobra Olintho, em São José do Rio Pardo. Foi a professora Vera Maschietto quem marcou sua vida escolar: o que aprendeu com essa professora, nunca mais esqueceu.

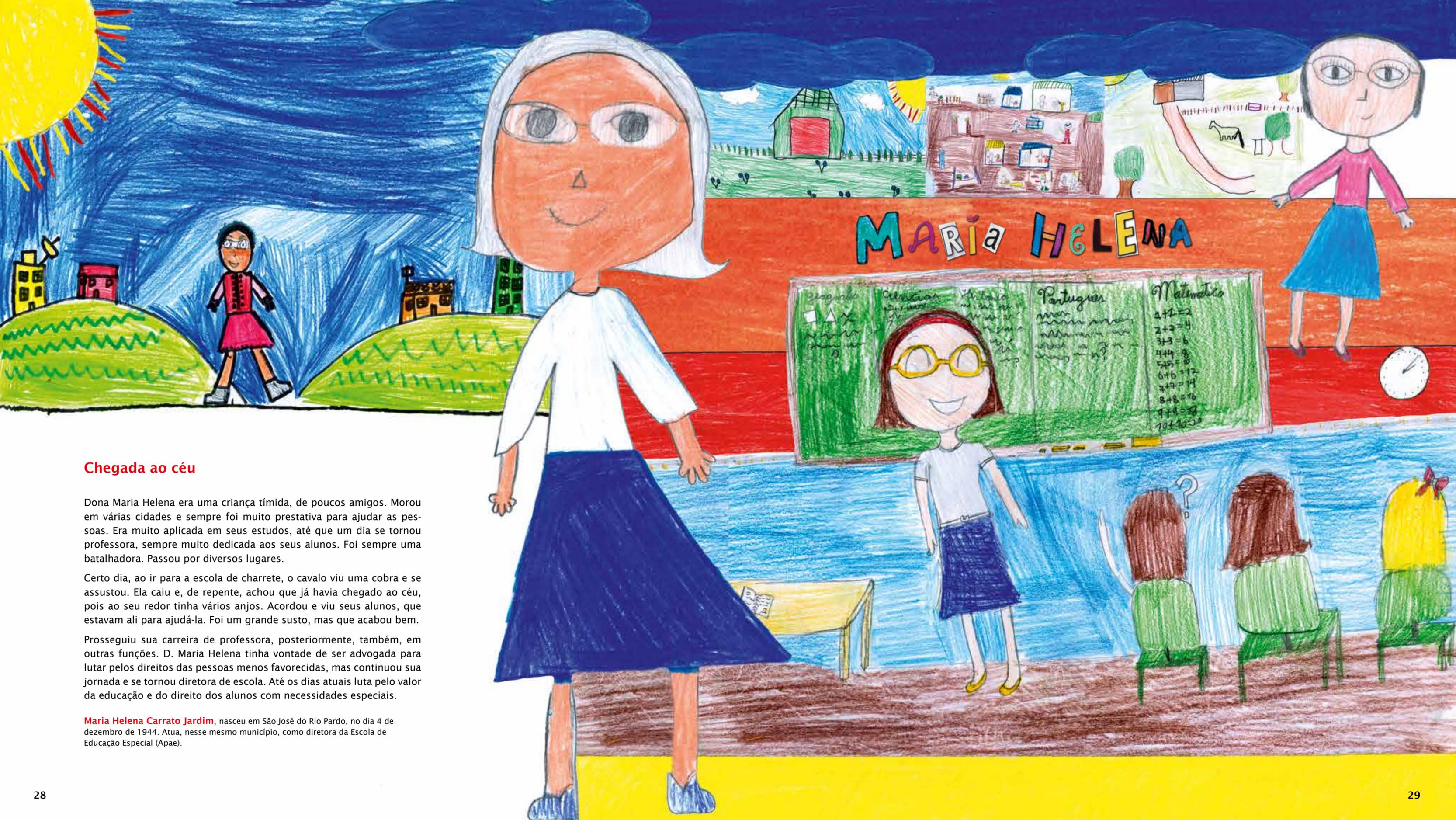
Foi na escola também que conheceu o seu grande amor, aos 11 anos. Gostava de dançar e frequentou bailes da época.

Depois de muitas idas e vindas, casou-se com Sérgio. Sempre foi dona de casa, teve três filhas: Rosilene, Josilene e Josiane e hoje é avó de sete netos.

Seu grande sonho era ser professora, mas as condições naquela época não foram favoráveis. Dona Iraci seria uma professora brava e exigente, assim como foi a professora que marcou sua infância.

Se fosse para escolher onde morar, ela gostaria de morar em uma fazenda, pois adora cuidar de plantas, animais e do sossego da vida do campo.

Iraci Ribeiro Trinca nasceu em São José do Rio Pardo (SP), no dia 9 de julho de 1947. Tem 71 anos e sempre foi dona de casa. É casada há 47 anos.



MARIA HELENA

Chegada ao céu

Dona Maria Helena era uma criança tímida, de poucos amigos. Morou em várias cidades e sempre foi muito prestativa para ajudar as pessoas. Era muito aplicada em seus estudos, até que um dia se tornou professora, sempre muito dedicada aos seus alunos. Foi sempre uma batalhadora. Passou por diversos lugares.

Certo dia, ao ir para a escola de charrete, o cavalo viu uma cobra e se assustou. Ela caiu e, de repente, achou que já havia chegado ao céu, pois ao seu redor tinha vários anjos. Acordou e viu seus alunos, que estavam ali para ajudá-la. Foi um grande susto, mas que acabou bem.

Prosseguiu sua carreira de professora, posteriormente, também, em outras funções. D. Maria Helena tinha vontade de ser advogada para lutar pelos direitos das pessoas menos favorecidas, mas continuou sua jornada e se tornou diretora de escola. Até os dias atuais luta pelo valor da educação e do direito dos alunos com necessidades especiais.

Maria Helena Carrato Jardim, nasceu em São José do Rio Pardo, no dia 4 de dezembro de 1944. Atua, nesse mesmo município, como diretora da Escola de Educação Especial (Apae).

MARIA JOSÉ



Parar embolora

Dona Zezé se recorda de sua infância com muita saudade. Época que brincava na rua com os amigos, subia em árvores, cantarolava e construía os próprios brinquedos.

Desde criança já tinha determinado sua profissão. Naquela época já falava que seria professora, ideia essa que a perseguiu sempre.

Alguns professores lhe deixaram marcas boas, outros nem tanto, mas cada um contribuiu, a sua maneira, para seu aprendizado, deixando-lhe grandes recordações.

Na adolescência, foi em busca de seus anseios. Formou-se na escola normal, e, já com o diploma de professora em mãos, trilhou o seu destino.

Começou a lecionar em um pequeno povoado no litoral do Estado de São Paulo, lugarejo chamado Ariri.

Para sua surpresa, o deslocamento da cidade de Registro até o vilarejo era feito a barco. Aproveitava o balanço da embarcação para viajar na imaginação e acrescentar novidades e brincadeiras às suas aulas.

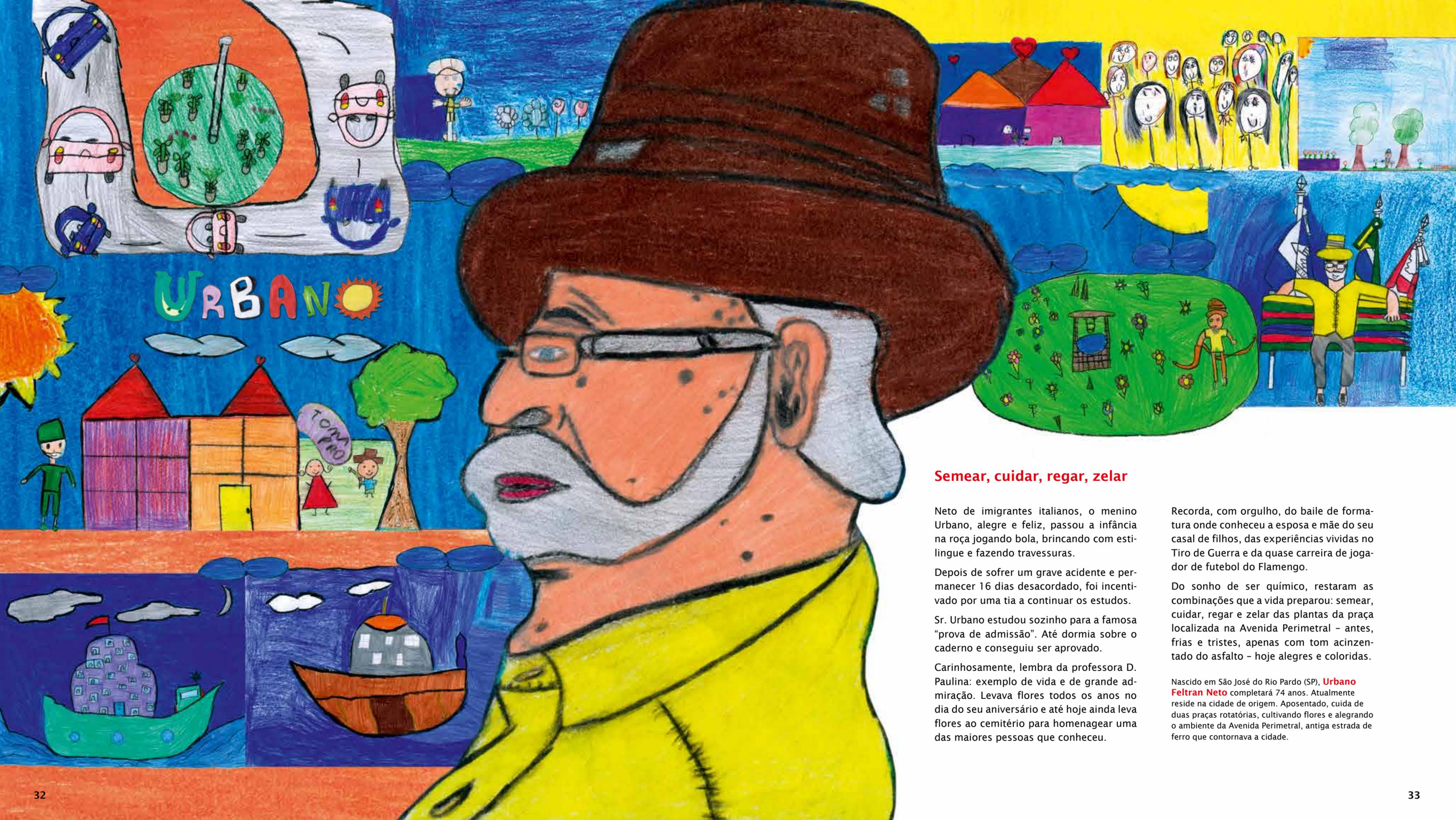
Após essa vivência, adquiriu novos conhecimentos, práticas e surgiram outras oportunidades, passando assim por várias instituições de ensino.

Hoje, aposentada, ocupa muito bem o seu tempo, pois acredita que, se parar, "embolora". Gosta muito de pintar, faz palavras cruzadas, canta no coral da cidade.

Acredita que devemos procurar melhorar todos os dias e que o amor é a mola que impulsiona a vida.

Maria José Inarelli de Paulo (Dona Zezé) nasceu em São José do Rio Pardo (SP), no dia 29 de agosto de 1932. Tem 86 anos, admite que professor aposenta, mas nunca deixa de ser professor.





Semear, cuidar, regar, zelar

Neto de imigrantes italianos, o menino Urbano, alegre e feliz, passou a infância na roça jogando bola, brincando com estilingue e fazendo travessuras.

Depois de sofrer um grave acidente e permanecer 16 dias desacordado, foi incentivado por uma tia a continuar os estudos.

Sr. Urbano estudou sozinho para a famosa “prova de admissão”. Até dormia sobre o caderno e conseguiu ser aprovado.

Carinhosamente, lembra da professora D. Paulina: exemplo de vida e de grande admiração. Levava flores todos os anos no dia do seu aniversário e até hoje ainda leva flores ao cemitério para homenagear uma das maiores pessoas que conheceu.

Recorda, com orgulho, do baile de formatura onde conheceu a esposa e mãe do seu casal de filhos, das experiências vividas no Tiro de Guerra e da quase carreira de jogador de futebol do Flamengo.

Do sonho de ser químico, restaram as combinações que a vida preparou: semear, cuidar, regar e zelar das plantas da praça localizada na Avenida Perimetral – antes, frias e tristes, apenas com tom acinzentado do asfalto – hoje alegres e coloridas.

Nascido em São José do Rio Pardo (SP), **Urbano Feltran Neto** completará 74 anos. Atualmente reside na cidade de origem. Aposentado, cuida de duas praças rotatórias, cultivando flores e alegrando o ambiente da Avenida Perimetral, antiga estrada de ferro que contornava a cidade.



TEMPOS DE

INFÂNCIA

Brincadeiras, joelhos ralados, travessuras: seja na fazenda ou na cidade, brincar é criatividade e imaginação, é amizade e também frustração.

Nessas histórias de vida, na infância, nem tudo foi diversão!



TODO LUGAR TEM UMA HISTÓRIA PARA CONTAR

JOSÉ CARLOS

Hora do banho

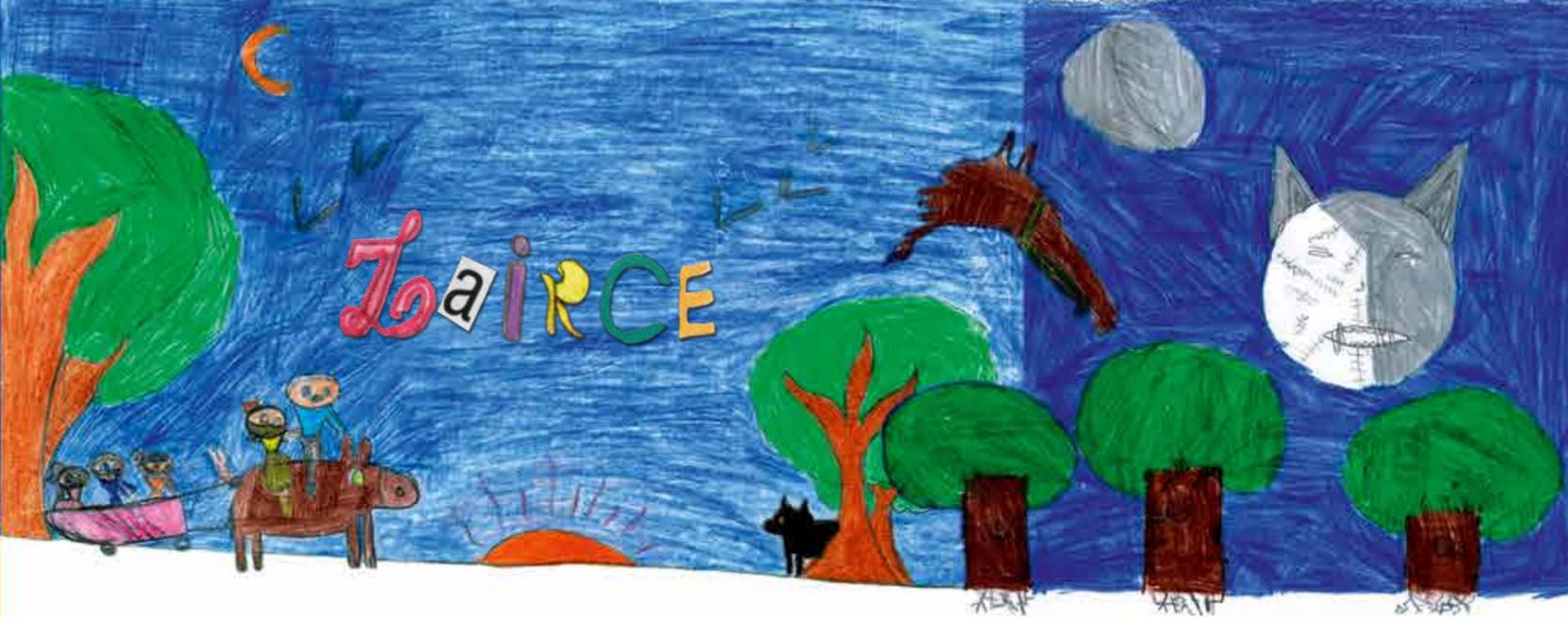
Seu Zé cresceu em uma família grande. Foi criado na Fazenda Guaxupé. Naquela época, as coisas básicas que hoje encontramos com facilidade não eram tão fáceis, pois não havia energia elétrica, água encanada, chuveiro e fogão a gás.

A tarefa mais difícil era na hora de tomar banho. Todos os dias, ele tinha que pegar água de uma mina que passava por ali e, se não quisesse tomar banho gelado, tinha que esquentar a água no fogão a lenha, além de usar uma bacia.

Apesar das dificuldades vividas na fazenda, ele nunca deixava de se divertir. Sempre brincava com seus irmãos de carrinho de madeira, como eram feitos na época, jogava bolinha de gude e futebol.

Entre as dificuldades e as brincadeiras, tornou-se uma pessoa realizada e muito feliz. Encontrou o amor em Maria de Fátima, em 1979, sendo que o casamento foi um dos acontecimentos mais importantes de sua vida, marcado, ainda mais, após o nascimento das quatro filhas.

José Carlos Lemes nasceu em Tapiratiba (SP), no dia 5 de setembro de 1958. Tem 60 anos e é muito grato a Deus pela família que tem.



Boneca de papelão

Dona Lairce nasceu no município de Itobi, porém passou a infância na Fazenda São José da Barra, em São José do Rio Pardo, onde morou até os 10 anos.

Nesse período passava o tempo entre brincadeiras de peteca, corda, lenço atrás e muito estudo. Ia à escola na cidade de Itobi junto com um colega, filho do administrador da fazenda, que possuía deficiência visual. D. Lairce o ajudava em todas as tarefas da escola. Ela gostava muito de poder ajudar o colega. Era muito bem tratada por sua família, que sempre preparava um lanche para os dois levarem à escola.

Após os 10 anos, mudou-se para o Sítio Vila Constina, também em São José do Rio Pardo, onde permanece até hoje. Cresceu junto a duas irmãs e um irmão. Conheceu seu esposo em festas e terços realizados nas redondezas da fazenda onde morava, casou-se, teve um casal de filhos e hoje tem 4 netos.

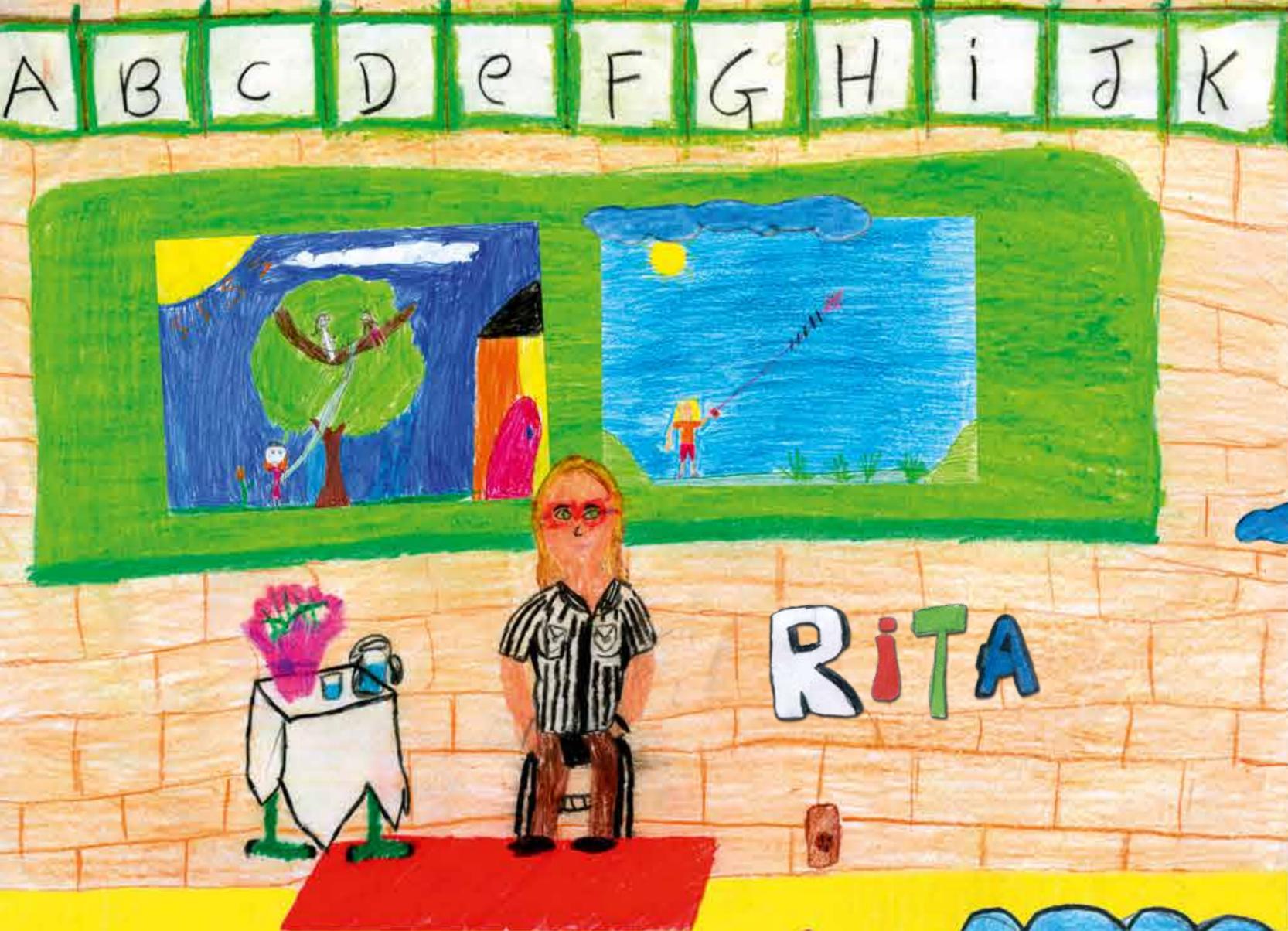
Estudou até o quinto ano, quando seu pai não permitiu mais seus estudos, devido à necessidade de ficar fora de casa ou de ter que usar o trem como transporte, o qual era considerado por sua família muito perigoso. Essa situação a deixou muito triste; seu colega que frequentava a mesma escola, devido a sua deficiência, também parou de estudar. D. Lairce, então, teve seu primeiro trabalho na roça, que foi de capinar cana.

Há duas histórias que marcaram sua vida: uma delas é que havia ganhado uma boneca de sua avó que vivia na cidade de São Paulo. Essa boneca era feita de papelão, com os braços e a cabeça de louça. Sua colega, que também tinha uma boneca, vivia dando banho nela, porém a boneca era toda de louça. Um dia resolveu dar um banho em sua boneca, como fazia a amiga. Ficou totalmente frustrada quando sobraram apenas os braços e a cabeça, pois o corpo havia se dissolvido na água. Escreveu até uma carta para o Papai Noel lhe enviar uma boneca nova, porém sem sucesso.

Outro fato que marcou sua vida aconteceu na sua adolescência. Estavam seu pai, seus irmãos e ela indo a uma festa na Fazenda Barreirinho, já ao cair da noite, quando, de repente, o cavalo que puxava a charrete refugou. Nesse momento, passou algo na frente do cavalo. Parecia um urso, porém não poderia ser, pois na região não havia ursos; um lobo talvez, porém nunca se soube o que era, apenas que D. Lairce não caiu da charrete e não levou um coice porque seu pai a segurou. Todos ficaram bastante assustados e pegaram outro caminho para ir até o baile, onde acabaram chegando por volta da meia-noite devido à distância. Por muitos anos não passaram mais neste caminho.

D. Lairce Zonaro do Nascimento, com 66 anos e 45 anos de casada, sempre trabalhou na roça como agricultora e até hoje cultiva suas verduras e hortaliças, em meio ao trabalho de casa e os cuidados com os filhos e netos. Valoriza muito os estudos e sente não poder ter continuado a estudar. Por isso hoje é a maior incentivadora de seus netos para que estudem bastante.





Estrada e rock and roll

Rita teve uma infância feliz e com muitas brincadeiras.

Na escola, mesmo com a professora muito brava, sempre sobrava imaginação e tempo para brincar com seus amigos.

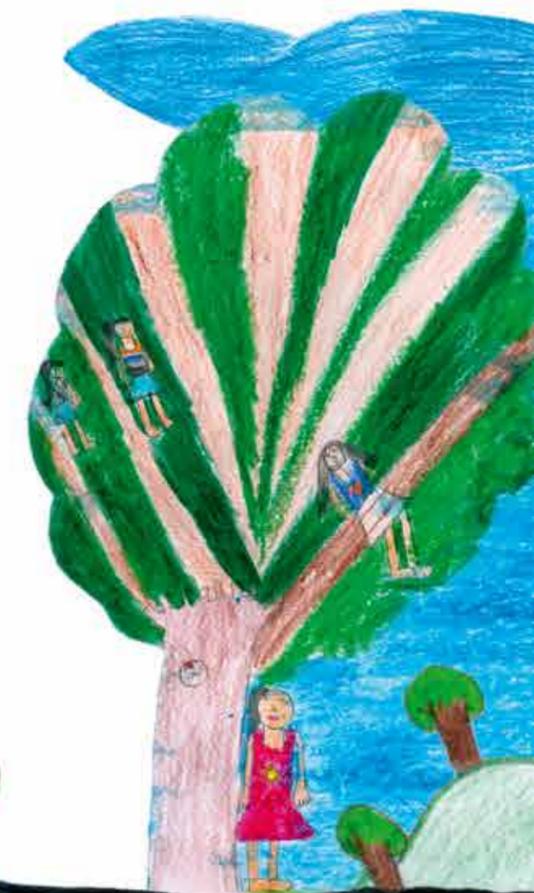
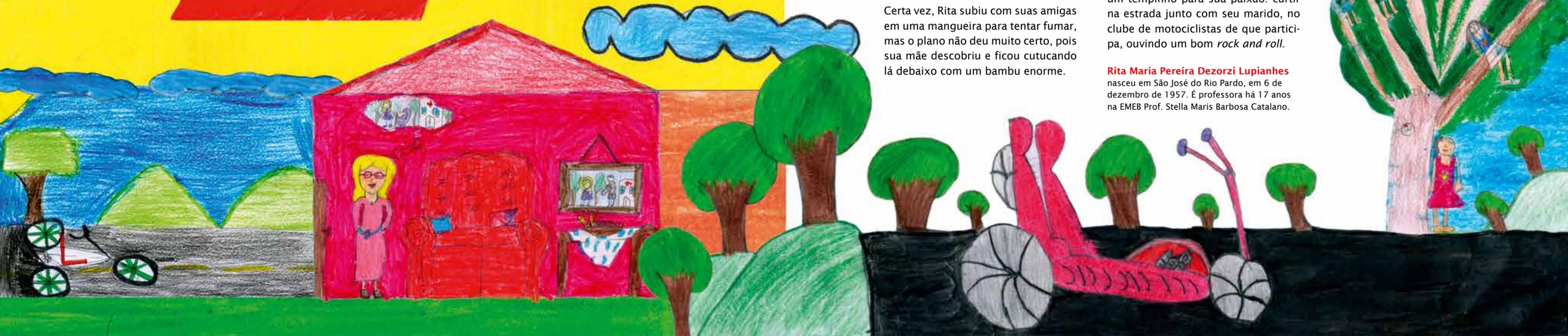
Quando fazia arte, podia ter certeza de que a bronca era certa. Às vezes, apanhava de seu pai.

Certa vez, Rita subiu com suas amigas em uma mangueira para tentar fumar, mas o plano não deu muito certo, pois sua mãe descobriu e ficou cutucando lá debaixo com um bambu enorme.

Com infância e juventude saudáveis, ela se aventurou no mundo das letras e se formou professora, iniciando sua carreira muito nova. Hoje, com 36 anos de profissão, se dedica ainda a lecionar e pretende dar aula por muitos anos.

Mesmo com a rotina puxada que exige sua profissão, Rita consegue tirar um tempinho para sua paixão: curtir na estrada junto com seu marido, no clube de motociclistas de que participa, ouvindo um bom *rock and roll*.

Rita Maria Pereira Dezorzi Lupianhes nasceu em São José do Rio Pardo, em 6 de dezembro de 1957. É professora há 17 anos na EMEB Prof. Stella Maris Barbosa Catalano.



Instituto Museu da Pessoa.Net

Diretora-Presidente
Karen Worcman

Direção Executiva
Sônia Helena Dória London

Instituto AES

Diretor Presidente
Ítalo Freitas

**Gerente de Relações Institucionais,
Comunicação e Sustentabilidade**
José Antônio Martins

Analistas de Investimento Social
Núbia Kikuchi e Renata Monteiro Costa

Prefeitura Municipal de São José do Rio Pardo

Prefeito Municipal
Ernani Christovam Vasconcellos

Secretaria Municipal de Educação e Cultura

Secretária
Katia Luzia Ferreira Gomes Alencar

Dirigente
Monise Zanetti Massaro

Coordenadora
Silvana Lopes Mora

Projeto Todo Lugar Tem uma História para Contar - São José do Rio Pardo, 2018

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Gestão do Projeto
Renato Herzog

Produção
Ane Alves

Formadores
Danilo Eiji

Escolas Participantes

EMEB Nossa Senhora do Loreto

Professoras
Helena Aparecida Bini Innarelli de Paulo - 4º ano B
Maila da Silva Janeiros - 5º ano A
Maria Tereza Pacobello - 4º ano A

Diretora
Maria Cristina Baize Boaro

Vice-Diretora
Raquel Folha

EMEB Zélia Maria Zanetti

Professoras
Estela Cristina Ferreira Galatte - 4º ano D
Maristela de Sordi - 4º ano C
Rita de Cassia dos Santos Cassimiro - 5º ano B
Rosana Galiazzo - 4º ano A

Diretora
Zilda Marques

Vice-Diretora
Talita Piovesan

EMEB Stella Maris Barbosa Catalano

Professoras
Adnéia Marques da Luz - 5º ano C
Erica Teixeira - 4º ano B
Lilian Silva Mazzer - 4º ano C
Rita Maria Pereira Dezorzi Lupianhez - 5º ano B

Diretora
Rosimary Aparecida Rodrigues

Vice-Diretoras
Maria Donizetti da Silva
Rosana Primini Feltran

EMEB Fazenda Água Fria

Professora
Daniela Aparecida da Silva Reis - 4º e 5º ano

Diretora
Eliana Campovila

Entrevistados

Benedito de Oliveira
Cônego João Antônio Darcie
Iraci Ribeiro Trinca
João Batista Primini
José Carlos Lemes
Lairce Zanaro do Nascimento
Maria Aparecida da Silva
Maria Helena Carrato Junior
Maria José Inarelli de Paulo
Rita de Cássia Zanetti Monzoni
Rita Maria Pereira Dezorzi Lupianhez
Rosa Maria Mapelli Boaro
Urbano Feltran Neto

Publicação São José do Rio Pardo - Uma Cidade de Histórias

Coordenação Geral
Sônia Helena Dória London

Edição dos Textos
Lia Cristina Lotito Paraventi

Revisão dos Textos
Sílvia Balderama

Produção
Ane Alves

Concepção Expográfica
Renato Theobaldo

Design Gráfico
Fernanda Mascarenhas

Finalização Gráfica
Manar Zind

Produção Gráfica
Praxinoscópio

Desenhos
Alunos participantes do projeto



Patrocínio



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

